

EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Sandra Aparecida Riscal

Este Dossiê deve a sua existência à experiência que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar, que teve início com a introdução das disciplinas obrigatórias de Epistemologia e Educação I e Epistemologia e Educação II. Além dos alunos de mestrado e doutorado, também os alunos do curso de graduação em Pedagogia, têm tido a oportunidade de cursar, como optativa, a disciplina de Epistemologia e Educação. Tem sido gratificante ser docente dessas disciplinas e constatar, frequentemente, o espanto e o grande interesse que os temas abordados despertam entre os alunos e alunas. Como resultado, têm sido apresentados, tanto na graduação quanto na pós-graduação, trabalhos de grande qualidade, vários deles transformados em artigos e publicados em revistas bem qualificadas de todo o país.

O reconhecimento da importância dos estudos epistemológicos no campo educacional, ao longo das ofertas das disciplinas, incentivou a criação desse Dossiê, com a finalidade, não apenas de abrir espaço para a publicação dos bons artigos resultantes das disciplinas, mas também e principalmente, como constituição de uma oportunidade para que outros estudiosos de epistemologia da educação, em todo o país, pudessem apresentar suas reflexões, permitindo um diálogo entre as diferentes abordagens e concepções epistemológicas no campo educacional.

Tradicionalmente, o conceito de epistemologia, muitas vezes compreendido como teoria do conhecimento, refere-se a uma disciplina específica do campo da filosofia das ciências que estuda os princípios, fundamentos, constituição de modelos, hipóteses e os resultados que caracterizam as diferentes ciências, procurando determinar sua validade, organização lógica e valor objetivo. De acordo com Sagaut (2009)¹ o termo epistemologia (ou mais precisamente o termo em inglês *epistemology*) foi forjado pelo metafísico James Frederick Ferrier (1808-1864) para designar a disciplina que trata da teoria do conhecimento. A palavra “epistemologia” deriva do grego *episteme* cujo significado poderia ser traduzido como conhecimento.

A epistemologia é um discurso sobre a ciência, que aborda criticamente o conhecimento científico, seu desenvolvimento e evolução. Entre seus objetivos está a definição do que é ciência, quais seus objetos, métodos e validade. Caberia, portanto, à epistemologia, a identificação de qual conhecimento seria genuinamente científico em contraposição a outras formas de conhecimentos que não poderiam ser qualificado como tal. A epistemologia pressupõe, portanto, uma clara demarcação entre aquilo que pode ser designado como ciência e as formas de saberes que caracterizariam o senso comum. Já na antiguidade grega Platão, no diálogo *Teeteto* apresentou a distinção, que se tornou clássica, entre a crença ou opinião e o conhecimento verdadeiro (*episteme*), que residira no fato de ser a última um saber justificado por evidências.

A epistemologia é uma disciplina fundamental à formação científica e envolve o aprendizado de uma certa quantidade de conhecimentos e de práticas relativas às disciplinas onde estão situados os processos de pesquisa. Além disso, espera-se que

¹ SAGAUT, Pierre. *Introduction à la pensée scientifique moderne*. Cours de culture générale. 2009. Disponível em: <http://www.lmm.jussieu.fr/~sagaut/epistemologie-v14.pdf>

o cientista, em formação, adquira uma postura científica que permita desenvolver uma perspectiva crítica em relação à natureza de seu aprendizado e da disciplina a qual se dedica.

Esta concepção de epistemologia é o resultado de um processo de racionalização e universalização da ciência, como o campo de conhecimento, que visa identificar a verdade e o que é verdadeiro em relação aos fenômenos estudados, que caracterizou o desenvolvimento científico do Ocidente. Desde as suas primeiras elaborações, no século XV, o discurso científico se caracterizou pelo afastamento dos saberes da vida cotidiana e gradualmente foi se estabelecendo, ao longo dos séculos, a figura do cientista como um personagem fora da vida em comum, dedicado ao escrutínio dos segredos da natureza. Esta ciência, e seus heróis – os cientistas – foi forjada por meio de métodos que deveriam apresentar algumas características específicas, quais sejam: o conhecimento científico é impessoal, objetivo, universal e invariável. De Copérnico, Galileu e Newton, até os nossos dias, a ciência, que pode ser considerada como tal, deve apresentar uma metodologia que parte do estabelecimento de hipóteses e de sua verificação, de forma que se possa estabelecer um conhecimento válido para todo em qualquer rincão do universo. Cabe à epistemologia o estudo dos métodos e técnicas e a constatação de sua validade e cientificidade. Qualquer elaboração teórica que não atenda aos princípios estabelecidos para a validade das ciências, pela epistemologia, não pode ser considerada científica.

Esta concepção, tipicamente ocidental e característica das ciências modernas vem, há tempos, recebendo críticas de vários pensadores da filosofia. De Karl Marx a Adorno e Horkheimer, de Nietzsche a Foucault, a concepção ocidental de ciência, validada pela epistemologia, tem sido alvo constante de críticas. Em particular, a desqualificação dos saberes populares e dos conhecimentos culturalmente elaborados, vem sendo duramente rejeitadas por novas abordagens epistemológicas que têm trazido contribuições importantes às críticas à concepção estritamente ocidental de da epistemologia tradicional. Fala-se, agora, de epistemologias do Sul, de etno-epistemologias ou ainda da validação de saberes seculares, como aqueles presentes nas culturas africanas, chinesas e indianas tradicionais.

Isto significa que a epistemologia não deve ser abandonada, mas reelaborada de forma a abarcar outras formas de conhecimento que não apenas aqueles tradicionalmente aceitos pelo Ocidente. Trata-se de buscar as fontes e os modos de construção dos saberes, que fazem parte da vida cotidiana e de outras culturas, que foram excluídas da elaboração epistemológica tradicional.

Nesta perspectiva, a reflexão epistemológica sobre a Educação tem muito a oferecer. Uma concepção de epistemologia que permita a compreensão daquilo que torna possível a construção dos saberes, seja como conhecimento subjetivo ou como conhecimento escolar, permitiria uma nova percepção sobre as práticas escolares e sobre a práxis educativa.

Para além das experiências de pesquisas, que se constituem como práticas científicas, considerando seus resultados e métodos, a epistemologia da educação visa a reflexão em torno dos processos teóricos que embasam essas pesquisas e os paradigmas que as fundamentam. Um aspecto fundamental, característico das pesquisas educacionais é a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade, que permitiram a copresença de várias perspectivas teóricas nos diversos campos da prática educacional. Essas características, que permitiram que fossem derrubadas as

barreiras disciplinares estenderam-se para além das concepções teóricas centradas no Ocidente, por meio de ferramentas críticas voltadas para campos de pesquisas alternativos, abrangendo novas formas de escrita, outros saberes para além da epistemologia do Norte, incorporando “as epistemologias do Sul”.

Neste sentido, os estudos epistemológicos da Educação permitem desvelar a condição eurocêntrica, neoliberal e colonial que caracterizam a epistemologia tradicional, logrando abrir espaço para saberes que possibilitem o estabelecimento de um processo de emancipação dos instrumentos intelectuais que se encontram naturalizados nas teorias educacionais.

Este Dossiê é um convite aos pesquisadores do campo da Educação para uma reflexão sobre os fundamentos teóricos, abordados do ponto de vista epistemológico. Trata-se de compreender, criticamente, como a organização do campo educacional, em termos de disciplinas, métodos, paradigmas, quadros analíticos, se constituiu do ponto de vista da sua concepção como processo de conhecimento. Essa compreensão não pode deixar de incorporar as abordagens culturais e sociais na concepção de um aparato teórico educacional, como também não pode ignorar a longa trajetória que a epistemologia Ocidental legou à organização do conhecimento e das ferramentas intelectuais que tem caracterizado a disciplina que constitui o campo educacional.

Uma discussão epistemológica da Educação não pode deixar de discutir criticamente os limites da tradição educacional no Ocidente que acabam por excluir universos simbólicos e culturais que não podem ser concebidos segundo os moldes da ciência tradicional. Essa forma de exclusão de saberes, que se apresentam na própria concepção do que é ciência e conhecimento e do que é digno de ser ensinado, têm tido papel fundamental na exclusão social e, mais diretamente, na exclusão escolar, uma vez que todo o saber cultural de amplas comunidades é relegado ao papel de não conhecimento.

A discussão epistemológica das teorias e práticas educacionais permite, acima de tudo, colocar em perspectiva alternativas epistemológicas e teóricas que possibilitem não apenas uma reflexão crítica do conhecimento e das ciências na sua concepção eurocêntrica, que encontra na escola seu primeiro momento de legitimação, como também uma reflexão epistemológica sobre o nosso próprio trabalho, como docentes, sobre nossas práticas, métodos e abordagens.

Uma abordagem epistemológica da Educação permite, ainda, uma reflexão sobre as origens e significados dos conhecimentos que encontram na escola sua primeira e principal fonte de reconhecimento, possibilitando o deslocamento do olhar para alternativas e formatos distintos, não apenas de metodologias, mas do próprio conhecimento, isto é, do conteúdo do que é ensinado.

Aqui caberia uma pergunta importante: em que medida o professor compreende o papel de sua disciplina ou do conteúdo ensinado na construção da visão de mundo do aluno? Esta questão é basilar na consideração epistemológica da educação, porque permite que se pense criticamente não apenas sobre o que é ensinado, suas fontes e origens, mas sobre a própria Educação, como campo de conhecimento.

Além disso, cabe aqui uma outra questão: em que medida o docente já naturalizou os conteúdos disciplinares e seria para ele possível questionar o seu próprio saber, produzido pela escola e legitimado pelas academias? Não estaríamos aqui

diante daquilo que Bachelard² denomina obstáculo epistemológico? A abordagem epistemológica, dos saberes escolares, permitiria a problematização e superação dos obstáculos impostos pela própria formação do docente?

Como se pode constatar, a reflexão sobre a epistemologia da Educação abriria espaço para uma discussão mais bem situada da antiga dificuldade de articulação entre a teoria e a prática, um dilema que apenas se apresenta como tal porque a discussão sobre o processo de construção dos saberes educacionais encontra-se fora das perspectivas do ensino e da formação de professores, como também dos pesquisadores da Educação.

*Sandra Aparecida Riscal
São Paulo, julho de 2021*

2 BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Editora Contraponto. S.P.: 2006